

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Opiniões Class.: _____

Data: 20.09.73 Pg.: 3

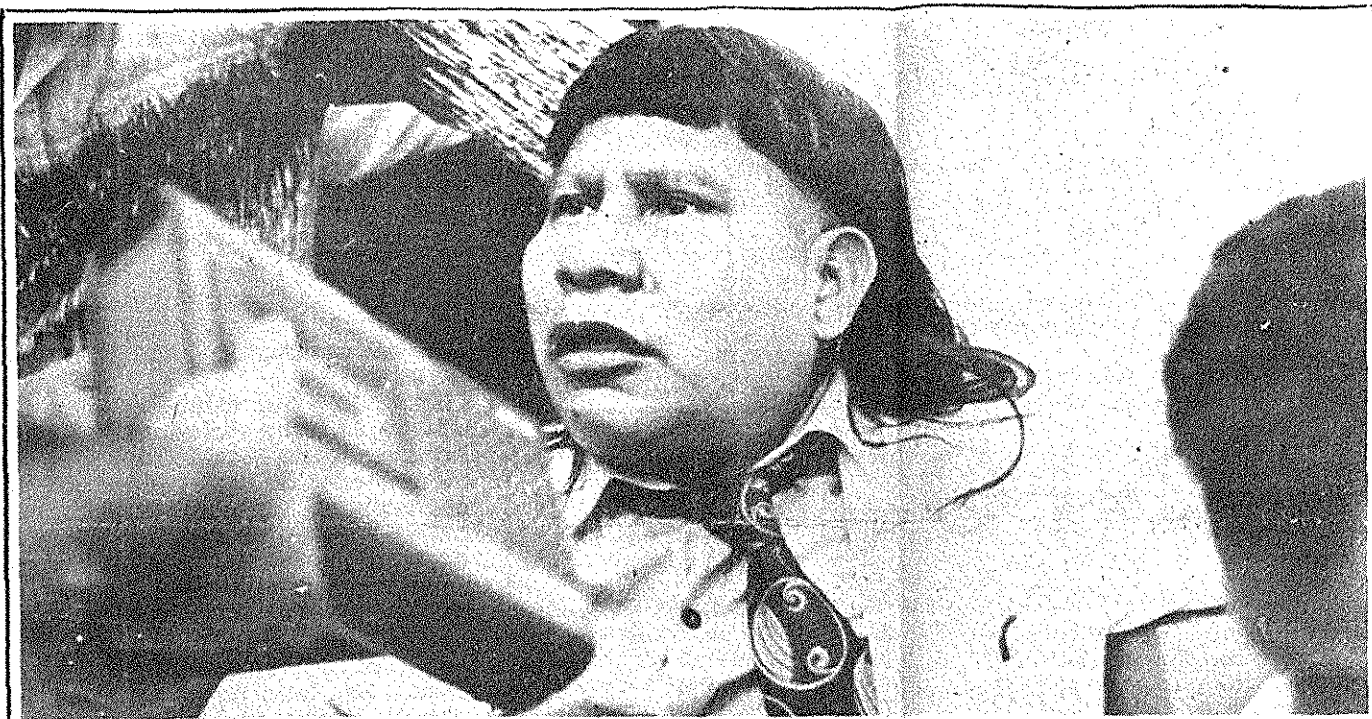
Juruna acha que só uma revolução poderia provocar mudanças no País

O deputado Mário Juruna (PDT-Rio de Janeiro) defendeu ontem, na Assembléia Legislativa, uma revolução como única forma capaz de produzir mudanças no país. Ele apresentou a revolução como saída quando discursava da Tribuna condenando toda a cúpula do Governo, considerada pelo cacique como "uma meia-dúzia que só tem compromissos com o Fundo Monetário Internacional e com os imperialistas".

Ele disse que a maioria dos deputados que conhece são pessoas comprometidas com interesses contrários aos do povo, preocupados "em defender Delfim Netto, Andreazza, Figueiredo e outros ministros", pessoas que, segundo afirmou, são as responsáveis pela inflação, pela fome e quem as defende, concluiu Juruna, "não está comprometido com o povo".

Juruna começou o seu discurso fazendo um alerta aos que esperavam ver nele uma figura folclórica: "não sou palhaço e nem sou de brincadeiras. Quem quiser ver palhaços e artistas vá ao Rio de Janeiro", disse o cacique em resposta aos que não contiveram o riso ao escutar as suas primeiras palavras.

Disse que não era o responsável pelas mentiras apregoadas pelo país afora e anunciou que se fosse uma autoridade policial não hesitaria em levar para a cadeia



O deputado-cacique Mário Juruna (PDT-RJ) pregou uma revolução no País como única solução para a crise

todos os responsáveis pela crise nacional. Em seguida lamentou que a prisão seja o destino das pessoas que falam com seriedade, ao considerar que "quem explora, quem expulsa os trabalhadores da terra e quem se apropria de bens públicos nunca foi preso".

O deputado Mário Juruna lamentou ainda a falta de credi-

bilidade de que desfruta o poder Legislativo ao dizer que "o Governo quer transformar os deputados em palhaços. Os deputados, afirmou, têm de aprovar projetos que vêm dos militares, os que vêm dos ministros e os enviados pelo presidente. Mas, continuou Juruna, os projetos dos deputados em favor do povo são engavetados pelo Governo".

Juruna fez ver aos que o escutavam que não foi eleito para brincadeiras, conforme anunciou, ao lembrar que na sua luta em defesa dos índios Xavantes sofreu várias ameaças, enfrentou invasores das terras indígenas e teve ainda confrontos com a própria Polícia Federal e Militar a serviço da Funai.

Lider do PMDB saudou Juruna

Ao saudar o deputado-cacique Mário Juruna (PDT-RJ), ontem, na Assembléia Legislativa da Paraíba, durante visita do parlamentar carioca aos deputados paraibanos, o líder do PMDB, José Fernandes de Lima, o considerou "o autêntico representante do povo brasileiro no Congresso Nacional" afirmando, ainda, que "suas palavras não têm o timbre do português correto, mas são mais sinceras do que a simples retórica que estamos acostumados a ouvir".

Fernandes falou da luta dos índios Potiguaras da reserva de Baía da Traição, distante 100 quilômetros de João Pessoa, "cuja história precisa ser contada pos-

teriormente, para que se retrate o sofrimento, as perseguições e o descaso dos poderes públicos para com aquela comunidade". Dizendo que sempre esteve voltado para os problemas da reserva Potiguaras, José Fernandes justificou suas declarações afirmando que "os grandes e poderosos já têm amparo, condições financeiras e os meios necessários para dispensar a assistência e proteção pública". Disse, ainda, que os Potiguaras reivindicam com toda razão as terras "que foram usurpadas pelos poderosos e, por isso mesmo, a Assembléia Legislativa compartilha e acompanha a luta de Juruna, que está autenticamente representando o povo brasileiro".

Índio quer liberdade e terra

— A miséria atinge muitos brasileiros, mas como só existe um representante dos índios é que dedico a eles toda a minha atenção. Assim justificou o deputado Mário Juruna a sua abnegada luta em defesa dos interesses dos remanescentes indígenas do Brasil que, segundo ele, atualmente precisam apenas de "liberdade, terra, saúde e educação".

Considerou que ele hoje é o único representante político dos indígenas, embora admita que foi eleito com os votos do povo carioca. Disse que todos os brasileiros precisam produzir e, tomando como parâmetro as reivindicações do seu povo, defendeu a distribuição de lotes de terra com agricultores, única forma deles usufruírem das riquezas do país.

Disse que tudo que conseguiu foi para defender o povo, missão que para ser cumprida, afirmou "precisa de abnegação e firmeza". Revelou que muitas vezes foi expulso de sua aldeia mas que resistiu e, por isso, hoje se sente a vontade para defender os interesses das comunidades indígenas junto ao Governo.

Policiais tentam intimidar índios da Baía da Traição

Mário Juruna denunciou que a presença de policiais armados no interior da aldeia dos Potiguaras na Baía da Traição, tem o objetivo de intimidar os índios da reserva que tentam impedir a ocupação de suas terras por latifundiários da agro-indústria do álcool.

O problema dos Potiguaras, segundo ele, é uma questão muito séria que será denunciada no Ministério Extraordinário para Assuntos Fundiários, no Ministério do Interior e na própria Funai. Juruna considerou que, no caso da Baía da Traição, o erro não é do invasor dono da Agican, Belarmino Pessoa de Melo, que se aproveitou de irregularidades praticadas por representantes da Funai.

Disse que essa empresa, junto com outros proprietários, ocupou 20 mil hectares de terra pertencentes aos Potiguaras. A transferência dessas terras para o controle de particulares, segundo sua denúncia, foi feita com a aquiescência da Funai que concedeu certidões negativas de propriedade falsificadas, que permitem aos proprietários ocuparem as terras da reserva.

Solicitou dos deputados paraibanos empenho em defesa dos direitos dos Potiguaras e pediu que na Assembléia Legislativa seja criada uma Comissão do Índio, para defender os interesses de todos os marginalizados e contribuir com dados e informações para o trabalho desenvolvido pela Comissão do Índio da Câmara dos Deputados, presidida por ele.

Juruna denunciou a Funai como uma instituição que não está preocupada com os problemas do índio, lembrando que, em Baía da Traição, a demarcação feita pelos nativos não foi aceita pelo órgão. Segundo ele se a Funai quisesse resolver o problema do índio, ela aceitaria a demarcação da reserva depois de conferir a sua precisão.

PRESIDENTE E SUCESSÃO

O trabalho do presidente Figueiredo de coordenar o processo sucessório, a que tem se dedicado, representa, na opinião de Juruna, uma perda de tempo para o presidente e para os que com ele se encontram para tratar do assunto. O presidente, na opinião do deputado, deveria estar mais preocupado em resolver os problemas nacionais como o desemprego, a fome, a miséria e a inflação.

A escolha do candidato à presidência, argumentou, é uma tarefa que cabe ao povo. Para Mário Juruna falta autoridade a um presidente indicado por um grupo restrito, que não tem o apoio do povo. Um processo de eleição presidencial que restringe a participação de todos, na opinião de Juruna, está errado.

Disse que tem condições de ser presidente da República porque, argumentou, conhece os problemas do povo "ao andar de canto a canto do país". Revelou, no entanto, que só se lançaria candidato se fosse de forma definitiva e, como ele considera, séria porque, afirmou, "não falo nem tomô decisão por brincadeira".

Garante, porém, que continuará na política "para defender os interesses do povo" porque, segundo ele, "os brasileiros sempre foram enganados, não têm ainda consciência e votam sem saber". Prometeu lutar contra esse estado de coisas "para evitar, afirmou, que o país afunde mais ainda".

— O atual Governo não tem compromissos com os brasileiros, sentenciou Juruna ao considerar que os compromissos do presidente e de todos os seus ministros é com grupos estrangeiros, com o FMI e com potências multinacionais. Os responsáveis pelo Governo, disse Juruna, mereciam ir para a cadeia porque estão vendendo o Brasil, entregando nosso ouro e toda a nossa madeira.

O presidenteável Andreazza, na opinião de Juruna, não pode ser apoiado por ninguém porque, denunciou, ele foi um dos responsáveis pela invasão das terras indígenas, ao se omitir de resolver o problema da demarcação em várias reservas. "Se eleito, disse Juruna, ele representará uma ameaça para os fazendeiros porque do índio ele já tomou toda a terra".

É Andreazza, segundo Juruna, também o responsável pelos aumentos da prestação da casa própria, pela falta de recursos para a recuperação econômica do Nordeste, uma vez que o BNH e a Sudene estão subordinados ao seu Ministério, e, por isso, acredita que ele não merece nenhum apoio.

Ao ser indagado sobre o nome de Maluf, Juruna respondeu que "são todos do mesmo saco, muito espertos e bons de conversa. O que assumir vai entregar o resto do Brasil", concluiu. Juruna não isentou o presidente Figueiredo, considerado por ele como "da mesma panelinha que protege Delfim e Andreazza".